



EDUCAÇÃO E SOCIEDADE SOB A ÓTICA DE ÉMILE DURKHEIM

EDUCATION AND SOCIETY UNDER EMILE DURKHEIM'S OPTICS

Igor Gonzaga Lopes

Jéssica Abadia Ferreira

Universidade Federal de Goiás - UFG

Elisângela Gregório de Sousa

Instituto Federal - Campus de Urutaí

Resumo

As possíveis leituras de um clássico indicam os fundamentos de origem da Escola Moderna, cuja institucionalização é pensada sob a égide de um contrato social. Postulam os princípios de uma moral laica – uma nova ética – capaz de institucionalizar a estrutura da sociedade e da educação. Tal entendimento alicerça a institucionalização da escola no processo de socialização de indivíduos para uma sociedade moderna.

Palavras-chave: Émile Durkheim. Educação. Sociedade. Contrato Social. Escola Moderna.

Abstract

Possible readings of a classic indicate the grounds of the origin of the Modern School, whose institutionalization is thought under the aegis of a social contract. They postulate the principles of a secular moral - a new ethic - able to institutionalize the structure of society and education. Such an understanding founded the school in institutionalization of individuals' socialization process for a modern society.

Keywords: Emile Durkheim. Education. Society. Social Contract. Modern School.



Introdução

É preciso sentir a necessidade da experiência, da observação, ou seja, a necessidade de sair de nós próprios para aceder à escola das coisas, se as queremos conhecer e compreender.

Émile Durkheim

Ao tomar a sociedade e a educação como objeto de estudo, levantamos as seguintes indagações: quais as relações entre as teorias sociológicas de Durkheim e a educação na sociedade moderna? Qual o papel fundante atribuído à educação, na busca de “soluções” para o contexto da sociedade burguesa moderna? A obra *Educação e Sociologia* (1973) de Émile Durkheim se estrutura em quatro capítulos e tem como foco principal refletir sobre as relações entre sociedade, indivíduo e educação. Nesse extrato, interessa-nos diretamente compreender a finalidade da escola moderna, tomada como uma instituição que contribui para o desenvolvimento da sociedade, tal como preconiza Durkheim no contexto do século XIX, lançando âncoras para a modernidade do século XX.

É nessa interlocução que teceremos nesse artigo, algumas reflexões acerca da Sociedade e da Educação, tais como almejadas por Durkheim, tendo como pano de fundo o empenho do autor em demarcar o campo científico da Sociologia moderna. Para efeito metodológico, organizamos o presente estudo em seis subtemas, no sentido de melhor visualizar os desdobramentos das leituras realizadas, a partir dos fundamentos do autor e alguns de seus intérpretes.

O autor imerso nos dilemas e questões do seu contexto



Segundo Galter e Manchope (2003), o sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917) se tornou um dos mais expressivos pensadores da história, cuja metodologia sociológica, elaborada para explicar a sociedade e a educação, serviu de referência a diversos pesquisadores e cientistas sociais ulteriores. Durkheim construiu sua obra em um histórico influenciado por grandes embates: posterior à Revolução Francesa (1789-1799), cujas promessas não se efetivaram numa sociedade burguesa igualitária, e vivenciando os efeitos da Revolução Industrial (transição para novos processos de manufatura no período entre 1760 a 1820 e 1840), assim, elaborou sua teoria sociológica em meio a uma sociedade profundamente marcada por mudanças, em um contexto conturbado e complexo.

Ao dialogar com filósofos e pensadores contemporâneos, exercitou a dúvida no sentido de constituir um *status* para a ciência sociológica, desconstruindo hegemonias, especialmente ao questionar a forma como as mudanças e os eventos sociais eram explicados e interpretados por distintos campos do conhecimento, dentre eles a filosofia e a história. Ao formular um novo contrato social, possibilitou a consolidação da Sociologia enquanto ciência empírica, comprovada por meio da observação, da indução e da experimentação.

Segundo Lucena (2010), o perfil acadêmico e profissional de Durkheim revelou-se distinto dos de outros pensadores consagrados à época. Ocupou-se da cátedra do ensino do Colégio d'Epinal e no Liceu, em Paris, e depois estudou filosofia na Escola Normal Superior de Paris. Foi professor de ofício, tornando-se pioneiro em sistematizar a Sociologia da Educação, compromisso que assumiu e estabeleceu ao compreender que a manutenção de valores de uma dada sociedade ocorreria mediante formas institucionalizadas de ensino que desenvolvessem nas crianças e jovens caminhos que os conduzissem à socialização almejada pela sociedade vigente.



Sua crença no alinhamento da sociedade com os modos de educação do indivíduo evidencia a preocupação em pensar uma escola compatível com o que a sociedade preconiza. Concretamente, enxerga a possibilidade de uma educação realizada em espaços institucionalizados, compreendidos como instituições, tais como: familiar, domiciliar e escolar. Para o autor, a educação do ser social, no sentido lato, ocorre no seio de instituições, sendo a família e a escola células fundamentais na irradiação dos princípios de formação do indivíduo.

Dessa forma, percebe-se que para Durkheim (2013), as questões morais sempre estão interligadas com a vida do indivíduo em sociedade. A respeito disso, o autor vislumbra um novo contrato social, em que

Antes de tudo, se existe hoje um fato historicamente estabelecido, é o fato de que a moral cultiva estreitas relações com a natureza das sociedades, visto que, como já mostramos antes, ela muda quando as sociedades mudam. Isto significa, portanto, que a moral resulta da vida em comum. De fato, e a sociedade que nos faz sair de nós mesmos, que nos obriga a considerar interesses diferentes dos nossos, que nos ensinou a dominar os nossos ímpetos e instintos, a sujeitá-los a leis, a nos reprimir, privar, sacrificar, subordinar os nossos fins pessoais a fins mais elevados. Foi a sociedade que instituiu nas nossas consciências todo o sistema de representação que alimenta em nós a ideia e o sentimento da regra e da disciplina, tanto internas quanto externas. Foi assim que adquirimos o poder de resistir a nós mesmos, ou seja, o domínio sobre as nossas vontades, um dos traços marcantes da fisionomia humana, desenvolvido à medida que nos tornamos mais plenamente humanos (DURKHEIM, 2013, p.59).

Essa visão de Durkheim determina uma compreensão a respeito da estrutura e funcionalidade, considerando assim que a sociedade moderna preconizada pela burguesia europeia busca um ordenamento na estrutura, e esse fator é indispensável para assim pensar uma educação que garanta um desenvolvimento do indivíduo. Contudo, Durkheim compreende a educação como uma



Ação exercida nas crianças pelos pais e professores. Esta ação é constante e geral. Não há nenhum período na vida social e nem mesmo, por assim dizer, nenhum momento do dia em que as novas gerações não estejam em contato com os mais velhos e, por conseguinte, não recebam a influência educadora destes últimos. Isto porque esta influência não é sentida somente nos instantes bastante curtos em que os pais ou professores compartilham, de modo consciente e através de um ensino propriamente dito, os resultados de suas experiências com aqueles que nasceram depois deles. Existe uma educação inconsciente e incessante. Através do nosso exemplo, das palavras que dizemos e dos atos que executamos, fabricamos a alma dos nossos filhos de modo constante (DURKHEIM, 2013, p.75).

Nesse sentido, a educação consiste em fazer com que os indivíduos sigam uma disciplina, normas, padrões que são estabelecidos, formando os indivíduos, e tornando-os cientes das normas que devem orientar a conduta de cada um. Dessa forma, Lucena (2010) nos ajuda a compreender que a educação busca criar no homem um ser novo. No entanto, ao elucidar os aspectos que constituem um ser social, Severino (2012) enfatiza que

O ser humano se instaura no agir que desenvolve como sujeito social. Daí o mote contemporâneo de que o homem é aquilo que ele mesmo se faz; seu ser é seu devir histórico; cuja consistência se dá pelo conjunto de seu agir ao longo do tempo e no espaço social. A ação circunscreve e determina o que o homem é, e aquilo em que ele vai tornando (SEVERINO, 2012, p.68).

Para Durkheim, o processo de socialização ocorre ao longo de toda a vida de cada indivíduo, sendo que sua personalidade também passa a ser condizente com a sociedade em que vive, e ainda destaca que há diferentes níveis de desenvolvimento e valores culturais implicados em cada sociedade, sendo, portanto, impossível que uma educação universalizada se torne eficiente, pois ela é aplicável somente à realidade pela qual foi criada.

É assim que em *Educação e Sociologia* o autor afirma que a influência das coisas sobre os homens é muito grande, além de ressaltar que a ação dos membros de uma geração sobre os outros, difere da que os adultos exercem sobre as crianças e os



adolescentes. É a esta relação que Durkheim denomina como educação. Mediante esse processo educativo, o indivíduo passa a internalizar normas sociais, adquirindo concepções de moralidade, ética e identidade social, compreendendo seu papel, enquanto ser social.

Teoria de Émile Durkheim

Ao analisar a teoria de Durkheim sobre a educação, Setton (2005) destaca que um de seus pressupostos básicos era crer em um aperfeiçoamento da humanidade, em que consequentemente todos os seres estavam pré-dispostos a evoluírem em diversas esferas de atuação, como no meio político, econômico, científico, dentre outros. Nessa perspectiva, Durkheim (2013) assevera que

Para definir a educação é necessário considerar os sistemas educativos que existem ou existiram, aproximá-los, destrinchar as características que lhes são comuns. O conjunto dessas características constituirá a definição que procuramos. Determinamos já, de passagem, dois elementos. Para que haja educação, é necessário termos em presença uma geração de adultos e uma geração de jovens, e uma ação exercida pelos primeiros sobre os segundos. Resta-nos definir a natureza desta ação. Não há sociedade onde o sistema educativo não apresente um duplo aspecto: é, ao mesmo tempo, uno e múltiplo (DURKHEIM, 2003, p.49).

Ao mesmo tempo, afirma Plaisance (2004) que, em sua teoria, Durkheim também ressaltava que a vida em sociedade não se resumia a um mero somatório de indivíduos; na verdade, esse processo se dava em âmbito de complexidade. Nessa conjuntura, se afirmava o método positivo, que contribuiu de modo eficaz para a própria construção dos saberes das Ciências Sociais através da observação, indução e experimentação, instaurando uma nova forma de se observar a sociedade por meio das inter-relações entre os fenômenos sociais.

É nessa perspectiva que Galter e Manchope (2003) expõem que Durkheim, ao considerar o ambiente conturbado em que vivia, passou a analisar a ordem social,



encontrando como centro de seu estudo a moral fragilizada da sociedade como responsável por todas as mazelas daquele tempo. Ao considerar essa base, passou, então, a formular novas concepções que viessem a apontar novos caminhos, pois compreendia que uma sociedade com valores morais enrijecidos poderia enfrentar crises político-econômicas com maior facilidade.

Para Durkheim, afirma Setton (2005), a própria essência de cada indivíduo se traduz em um movimento contínuo, mutável e, ao refletir sobre tal afirmação, ressalta que não há uma educação ideal que se encaixe a todos os homens, ao contrário, analisando a história da humanidade, propõe a destruição da proposição de uma educação universal. Pode-se, então, compreender, segundo Lucena (2010), que

Durkheim entende que o indivíduo nasce da sociedade, e não a sociedade nasce do indivíduo. O primado da sociedade sobre o indivíduo tem pelo menos dois sentidos, que no fundo nada tem de paradoxal. O primeiro é o da prioridade histórica das sociedades em que os indivíduos se assemelham uns aos outros e estão, por assim dizer, perdidos do todo, com relação àquelas sociedades cujos membros adquiriram ao mesmo tempo consciência da sua responsabilidade e da capacidade que têm de exprimi-la. O segundo, baseado numa prioridade lógica de explicação dos fenômenos sociais. Se a solidariedade mecânica precedeu a solidariedade orgânica, não se pode, com efeito, explicar os fenômenos da diferenciação social e da solidariedade orgânica a partir dos indivíduos. A consciência da individualidade não pode existir antes da solidariedade orgânica e da divisão do trabalho. A busca racional do aumento da produção não pode explicar a diferenciação social, pois está pressupõe tal diferenciação social (LUCENA, 2010, p.10).

Com base e em consonância com Durkheim, Galter e Manchope (2003) ressaltam que um sistema de educação universal não pode ser replicado em quaisquer locais, pois há de se considerar que não somente as diferenças culturais causam impactos em uma sociedade e suas relações, como o próprio nível de desenvolvimento pelo qual desempenham e a especificidade de cada sociedade lhe assegura um caráter



autorregulador que, por ser específico, demanda um sistema de educação de igual teor singular.

Assim, para Davies (1996), Durkheim propõe que, para que se entenda qual a forma de educação possa vir a ser condizente com dada sociedade, é preciso que se analise sua demanda, bem como a construção de um comparativo entre adultos e crianças, definindo quais mecanismos são utilizados para que se proponha uma dada situação de diferenciação e níveis de submissão.

A educação das crianças estaria, assim, pautada em padrões exigidos pela sociedade em que vivem, regidas por níveis de desenvolvimento intelectual e físico que se tornam indispensáveis para uma relação saudável. Em consonância com esta abordagem, Galter e Manchope (2003) explanam o caráter da diferenciação de Durkheim quanto à própria consciência dos indivíduos, como sendo:

constituído de todos os estados mentais que não se relacionam senão conosco mesmo e com os acontecimentos de nossa vida pessoal; aquele que poderia se chamar de ser individual. O outro, um sistema de ideias, sentimentos e hábitos, que exprimem em nós, não a nossa individualidade, mas o grupo ou os grupos diferentes de que fazemos parte; tais são as crenças religiosas e as práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais, as opiniões coletivas de toda espécie. Seu conjunto forma o ser social. Aí melhor se revela a importância e a fecundidade do trabalho educativo. Seu fim, portanto, é organizar e constituir o ser social em cada um de nós (GALTER E MANCHOPE, 2003, p.7).

A análise expressa na citação acima em reforçar que para Durkheim, a compreensão da complexidade da educação se eleva a níveis ainda maiores, ao considerar que os sistemas educativos de dada sociedade são múltiplos, na mesma medida em que seus meios se diversificam, constatando assim uma diversidade de abordagens pedagógicas em cada sociedade. E, no cerne de cada uma delas, são criados ideais que dizem respeito a esferas intelectuais, morais e físicas, concebendo que cada sociedade denota um ideal particular.



Isso permite-nos compreender que a sociedade, na medida de seu desenvolvimento, passou a criar valores como honra, cientificidade, moralidade, culto a divindades, dentre outros, mas o desenvolvimento do ser social em si, não é inato; a sociedade cria, assim, meios para o domínio de determinados dilemas e ao mesmo tempo a ordem para a subordinação a determinados fins.

A relação indivíduo e sociedade

A visão dicotômica entre indivíduo e sociedade é fundamental nas Ciências Sociais, e é de onde a Sociologia se desenvolve e se concretiza como ciência, ou seja, tenta explicar a realidade, dedicando-se sistematicamente ao comportamento social dos grupos e as interações humanas. Para Durkheim (2013), essa relação está pautada na inseparabilidade indivíduo e sociedade, pois:

em cada um de nós, pode-se dizer, existem dois seres que, embora sejam inseparáveis – a não ser por abstração –, não deixam de ser distintos. Um é composto de todos os estados mentais que dizem respeito apenas a nós mesmos e aos acontecimentos de nossa vida pessoal: é o que se poderia chamar de ser individual. O outro é um sistema de ideias, sentimentos e hábitos que exprimem em nós não a nossa personalidade, mas sim o grupo ou os grupos diferentes dos quais fazemos parte; tais como as crenças religiosas, as crenças e práticas morais, as tradições nacionais ou profissionais e as opiniões coletivas de todo tipo. Este conjunto forma o ser social. Constituir este ser em cada um de nós é o objetivo da educação (DURKHEIM, 2013, p.54).

Nessa perspectiva, Galter e Manchope (2003) comentam que a moral é algo que, segundo a análise de Durkheim, denota os meios para orientar os indivíduos a comportar em diversas ocasiões. Dessa forma, a moral é concebida como um cumprimento de normas, a obrigação por respeitar leis vigentes, de modo a conduzir o pensamento de cada indivíduo a uma finalidade que ultrapassa sua natureza individual e se direciona ao campo social, o pensamento e a realização de ações voltadas ao grupo, ou seja, os indivíduos experimentam o prazer de agir, mediados por aquilo que é socialmente difundido, aceito e então cumprido por meio da razão.



Além disso, segundo Davies (1996), a abordagem de Durkheim se estende ainda a considerar que a moralidade é moldável conforme a sociedade em que se insere, expressada mediante fórmulas únicas de coletividade; a moralidade estaria assim, presa a conjuntos particulares de consciências permeadas pelo objetivo a que se destina e o nível de crença e comprometimento de dado povo na análise de tais condutas.

Nesse contexto, entende-se que a educação cumpre um importante papel no desenvolvimento ou mesmo na própria construção de um caminho totalmente novo para uma sociedade, pois, ao compreender que o cumprimento de normas está diretamente ligado a um sentimento de pertença tendo como centro as disciplinas interna e externa, na medida em que surgem novas gerações, torna-se imprescindível a formação da consciência de cada novo indivíduo, agregando valores pertinentes à dada realidade.

Durkheim credita à educação a função de formação dos seres sociais, homem e sociedade, as quais possuem uma relação de interdependência. Nesta compreensão, Galter e Manchope (2003) afirmam que a sociedade é posta tal como uma tábula rasa e no surgimento de cada nova geração passa-se a perceber a necessidade de que se instruem seus indivíduos a aprimorar suas concepções até então imersas em um campo natural, primitivo, que deixa de ser social e passa a compreender relações da vida social e moral. Nesta concepção, Setton (2005) reforça a influência do meio social no individual:

O agente social para Durkheim é visto como um organismo em que os instintos e os desejos infinitos devem deixar de ser regulados naturalmente. Uma educação normativa e moral deveria assentar a unidade entre indivíduo e sociedade, ambos concebidos como duas faces de uma mesma realidade. Mais do que isso, o sucesso desse processo educacional seria caracterizado pela construção de um ser social totalmente identificado com os valores societários. Nesse sentido, existiria uma total correspondência entre ator e sistema social (SETTON, 2005, p.338).



Para Setton (2005) a interiorização de comportamento social não ocorre de forma impositiva; na verdade, compreende que esta é mais uma fase para que se alcance a liberdade dos indivíduos, exercendo ainda, influência direta na vida de cada um deles.

Para Durkheim, tal campo de influências também se diferencia ao se compreender as instituições responsáveis por seu processo de desenvolvimento, sendo a família responsável por ensinamentos do campo privado e doméstico, ou seja, meios interiorizados, enquanto que a escola, em um âmbito complementar e, muitas vezes em uma esfera amplificada, tem a responsabilidade de desenvolver a maturidade moral e ética dos indivíduos, tornando-os comprometidos com a vivência em sociedade.

Educação: o caminho para o desenvolvimento

Conforme aponta Lopes (2007), a sociologia estruturalista e sistêmica de Durkheim, conhecidamente pautada no fato social, aborda a educação inspirada na própria sociologia geral. Analisa que se estabelece uma relação de mútua influência entre a sociedade e a educação, sendo que a sociedade se utiliza da educação para a promoção de valores e comprometimento com a vida social, enquanto a educação exprime as particularidades da sociedade em que se centra, e passa a perpetuar suas concepções do bem coletivo.

Durkheim compreende que à educação não interessa a desnaturalização dos sujeitos, mas na verdade lhes fornece ferramentas para que se tornem humanos em plenitude, com consciência e o mais alto aprimoramento. Mas ao mesmo tempo cabe a cada um o esforço necessário para que alcance dado patamar de desenvolvimento. A educação somente como é posta, sem que haja o devido engajamento, não conseguiria por si só transformar uma sociedade. Neste ponto, Galter e Manchope (2003) salientam que



Dos muitos aspectos que compõem a abordagem sociológica de Émile Durkheim relativas à educação, o que mais se destaca é a consideração obrigatória de uma relação estreita entre as determinações individuais e as construções sociais, donde resulta, antes de tudo, uma clara ascendência dos aspectos sociais sobre os individuais, ou seja, a um desenvolvimento (GALTER E MANCHOPE, 2003, p.9).

Ao estender a compreensão do campo da moral e da ética, refletindo em caminho similar ao exposto por Galter e Manchope (2003), Setton (2005) ressalta que, na compreensão de Durkheim, a escola se torna a grande ferramenta para a formação de consciências e personalidades. A concepção de Durkheim sobre a educação se tornou um meio de tamanha importância que se difundiu dentre vários sociólogos:

A repercussão das proposições socializadoras de Durkheim pode ser observada nas contribuições de outros sociólogos que se debruçaram sobre o mesmo tema. É possível identificar que grande parte das abordagens culturais e funcionalistas da socialização acentuam essa característica essencial à formação dos indivíduos, pois a entendem como a incorporação das maneiras de ser de um grupo, uma visão de mundo e uma relação como futuro, em outras palavras, a interiorização incondicional de valores, normas e disposições sociais que fazem do indivíduo um ser socialmente identificável (SETTON, 2005, p.39).

Plaisance (2004) destaca que Durkheim também trouxe diversos apontamentos no sentido de distinguir as funções da família e da escola no processo de socialização. Estas esferas, por muitas vezes, podem apresentar situações heterogêneas e, conseqüentemente, conflitantes, pois além de se centrarem nas formas como o indivíduo possa vir a interiorizar sua adaptação, também estabelecem um contexto social específico que, igualmente deve ser analisado, para que seja garantido seu pleno desenvolvimento.

Plaisance (2004) relata ainda que, para Durkheim, a sobrevivência de uma sociedade se pauta em sua homogeneidade, suas condições de existência e esferas de valores, representações, atitudes e normas, que necessitam renovar-se continuamente e,



na base desta questão, o autor direciona novamente a educação como ferramenta que visa assegurar tais objetivos.

Davies (1996) reforça a distinção proposta anteriormente, ao enfatizar que a análise de Durkheim se pauta de modo abstrato, sendo que o ser individual está voltado ao âmbito interno de cada indivíduo, considerando estados mentais, emocionais, dentre outros, enquanto que o ser social está voltado para os hábitos que denotam o grupo pelo qual cada sujeito se identifica e gera a relação de pertença, tendo por fim a necessidade de que todo ser individual venha a se tornar também um ser social.

Ainda para Davies (1996), Durkheim também aborda o papel do professor que, sobretudo, deve ser capaz de acreditar na importância de suas atividades, na grandeza de ser um educador, pois estando ele no lugar de direcionamento da moralidade, torna-se o próprio porta-voz dos ensinamentos e valores de sua sociedade.

Plaisance (2004) ressalta que além do importante papel que o educador cumpre, cabe também a ele a responsabilidade e a capacidade de compreender a singularidade presente em cada criança e traçar meios para favorecer seu desenvolvimento.

Na concepção de Plaisance (2004), há diferentes níveis de desenvolvimento das sociedades; da mesma forma, cada um dos indivíduos que nela está inserido possuem capacidades diferentes de desenvolvimento em diversas esferas; educador deve então, estar apto a reconhecer dificuldades de aprendizagem, dentre outros fatores, que poderiam vir a comprometer o desempenho de cada aluno, evitando assim percentuais negativos de falhas no processo educativo.

Lopes (2007) reflete que o educador passa a ser incumbido da responsabilidade de propiciar a cada criança a conduta pautada na cidadania, que, como apontado por Durkheim, deve ser permeada por rígido acompanhamento, ao demonstrar comportamentos e atitudes inaptas ao convívio social, utilizando assim a disciplina.



Segundo Davies (1996), na visão de Durkheim, a educação é uma estrutura moralizante a serviço da sociedade, e deve, sobretudo, ser distanciada de qualquer conduta de parâmetro religioso, pois para ele, somente a moral laica pode proporcionar ao homem a qualidade exata de formação civilizadora por se pautar sumariamente na razão.

Descompassos atuais

Ao trazer essa literatura clássica para os dias atuais, pode-se perceber o quanto a educação tem um papel importante para a sociedade, e como ambas se inter cruzam. A respeito disso, Durkheim (2013) enaltece que:

sejam os fins que ela [a educação] busca ou os meios que ela emprega, são sempre necessidades sociais que ela satisfaz e ideias e sentimentos coletivos que ela expressa. Sem dúvida, o próprio indivíduo sai ganhando com este mecanismo. Nós já não admitimos claramente que aquilo que temos de melhor é devido à educação? E aquilo que temos de melhor é de origem social (DURKHEIM, 2013, p.118).

Ao considerar os frutos das contribuições de Durkheim para a própria fundamentação da Sociologia enquanto ciência, Lopes (2007) aponta que se pode perceber que diversos apontamentos seguem norteando grandes pensadores em diversas localidades.

Segundo Lopes (2007), até meados da década de 60, as instituições familiares e escolares eram tidas em âmbitos separados e, por vezes, compreendidas como cada uma ocupando uma função em particular, cumprindo assim, funções complementares.

Nesse sentido, para Galter e Manchope (2003), à família caberia o papel da afetividade, a responsabilidade pela transmissão de valores tradicionais do privado, o patrimônio e a herança cultural do mais íntimo elemento de suas relações.



Já à escola, comentam Galter e Manchope (2003), se situam todas as relações externas que tangem não somente ao saber científico mas a própria conduta em sociedade, no que diz respeito à civilidade, formação profissional e reflexões éticas e de moralidade que acabam por transmitir a ela o fato de assumir maior responsabilidade do que a própria família no amadurecimento e desenvolvimento de capacidades de crianças e jovens.

Conforme Setton (2005), em uma proposta atual que pode também ser observada no Brasil, passa a surgir uma cultura de massa voltada para a difusão de propostas de socialização que desfazem o distanciamento entre escola e família, assumindo ambas as instituições a responsabilidade pedagógica, na medida em que os próprios sujeitos também passam a assumir maiores responsabilidades na construção de suas identidades, tanto no campo individual como social.

Para Setton (2005), há a necessidade de uma revisão de propostas, sendo, portanto, observada uma pluralidade de projetos educativos que se tornam de suma importância para atender a especificidades postas pelo próprio Durkheim, ao constatar níveis de desenvolvimento singulares de cada indivíduo.

A questão que Lopes (2007) coloca neste âmbito seria relacionada às implicações que os novos rumos desta cultura ainda pouco conhecida possa vir a desencadear, pois os próprios meios de socialização passam também a ser revistos, ou seja, não cabe somente à escola ou à família a transmissão de informações. Em tempos atuais, a Internet, preponderante e altamente acessível, condensa aprendizados formais e informais e a própria percepção que os indivíduos têm de mundo sofre com a ausência de clareza.

Ao mesmo passo, para Galter e Manchope (2003), a notada disciplina proposta por Durkheim como base para a formação socializadora não consegue refletir tamanha imponência em tempos atuais, pois com famílias e sistemas educacionais fragilizados, passa a se perceber a difusão de valores e condutas heterogêneos; como consequência, as



ações de ambos se tornam superficiais e novos padrões de relações sociais começam a ser desenvolvidos.

Afirma Lopes (2007) que nesta nova conjuntura social, há um maior distanciamento no âmbito das relações, que se traduzem na formação acentuada de grupos que, no entanto, são cada vez menores em quantidade de membros, refletindo também um grau elevado de dificuldade de aproximação e construção de laços afetivos.

Ainda Lopes (2007) pontua que havendo novas formas de atuação para promover maior sentimento de pertença por parte da família e da escola, a construção de uma sociedade civilizada se enaltece, pois, precavidos contra a rigidez ou sistemas que moldam personalidades, os jovens dos tempos atuais acabam por se desinteressar por meios que não condizem com as propostas que anseiam em campos de diversidade e busca contínua por autonomia.

Para Lucena (2010), a educação assegura a diversidade, permitindo especializações. A especialização do trabalho provoca nas crianças sobre um primeiro fundo de ideias e de sentimentos comuns. Com efeito, a educação é para a sociedade o meio pela qual ela prepara, no íntimo das crianças, as condições essenciais da própria existência. Se a sociedade não estiver sempre presente e vigilante, para obrigar a ação pedagógica a exercer-se em sentido social, essa se porá a serviço de interesses particulares e a grande alma da pátria se dividirá, esfacelando-se numa multidão incoerente de pequenas almas fragmentárias, em conflito umas com as outras.

É assim que Durkheim afirma que é preciso que a educação assegure uma comunidade de ideias e sentimentos, sem a qual nenhuma sociedade sobrevive. Com efeito, admitindo que a educação seja função social, não pode o Estado dela se desinteressar. Tudo o que é educação deve ser submetido a sua influência. Isto não quer dizer que o Estado deva monopolizar o ensino. O fato de deixar abrir escolas que não sejam as suas, não se segue o fato de que deva tornar-se estranho ao que nelas venha a passar. A educação privada deve estar sob seu juízo e fiscalização (LUCENA, 2010, p.306).



A educação, entende Durkheim, é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social, tendo por objetivo suscitar e desenvolver a capacidade da criança.

Considerações finais

Os postulados de Durkheim têm sua atualidade e importância no sentido de compreender a organização e o argumento da centralidade que constitui a escola na atualidade. Na compreensão da relação mútua entre escola e sociedade que se complementam e servem, portanto, para a formação da civilidade e das condutas de moralidade, ética e potencialidades profissionais.

Nesse íterim, ressalta-se que essa análise sobre a contribuição para o desenvolvimento da sociedade pautado em uma escola moderna, ganha destaque ao elucidar o sociólogo Durkheim, pois este foi um teórico que despertou interesse em busca de uma educação, ao seu modo de ver, de qualidade e organização. Sendo assim, através deste artigo se compreende a teoria de Durkheim, a relação entre indivíduo e sociedade, uma nova interpretação da moral social e os caminhos atuais de uma teoria que se faz tão presente em pleno século XXI.

A rigidez proposta em tempos anteriores, pautada na disciplina, já não consegue abarcar os parâmetros de condutas pelos quais os meios de difusão de informações atuais incidem na vida dos jovens; no caso da internet e da televisão, torna-se notório o descompasso e, por consequência, o distanciamento entre os agentes tradicionais e os modelos de referências que vêm sendo reproduzidos na atualidade.

A singularidade trazida por Durkheim ganha ainda mais força, pois se torna imprescindível que os educadores reconheçam a avidez de seus alunos por terem suas singularidades reconhecidas e, ao mesmo passo, reconhecer a igual necessidade por



aprimoramento contínuo, pela busca de conhecimento e ampliação de visão de mundo que, muitas vezes, é influenciada por meios externos à escola ou à família.

Informações difusas e desenvolvimento heterogêneo têm se tornado a grande marca da sociedade atual: são as experiências individuais que assumem dada complexidade em alguns pontos, mas que, paradigmaticamente em outros, se tornam superficiais, vindo a conduzir repertórios que fogem até mesmo do controle familiar.

Uma nova maneira de ver o mundo deve, assim, ser posta enaltecendo a individualidade, a criatividade e a construção de valores. Nota-se que ocorre nesse processo a gradativa queda dos valores do ser social frente ao ser individual. E a escola e a família, permanecendo como instituições cristalizadas que visam punir a formação de subjetividades, passam a resultar assim em acúmulos de fracassos.

Observa-se a necessidade de que se estabeleçam meios para que se alcance uma harmonia entre a condução da permanência da moral social e de valores éticos para que não sejam desenvolvidas formas de puro egocentrismo, aliadas ao reconhecimento e incentivo ao desenvolvimento de subjetividades não egocêntricas, criatividade, dentre outros valores culturais.

Em suma, é preciso que o sistema educacional permaneça sendo o centro de uma educação socializadora como em grande parte do que é proposto por Durkheim, no que diz respeito a um aprimoramento contínuo da sociedade, ao reconhecimento de singularidades e à maior busca por conhecimento; apesar disso, condutas altamente reguladoras já não se tornam caminhos para o desenvolvimento da consciência coletiva. Torna-se imprescindível que tanto a escola quanto a família possam revelar-se como totalidades humanas que venham a desenvolver propostas qualitativas, que abordem a harmonia racional e efetiva, para a promoção contínua de autonomia e de uma sociedade justa.



Destarte, percebe-se que Durkheim não usou a educação como forma de instituir um novo modelo de sociedade, mas problematizou de forma coerente a estrutura e o funcionamento da sociedade. É onde fica nítido que ele faz uma perene leitura de mundo, pois consegue fazer uma leitura de mundo que perpasse um século. Hoje ainda nos deparamos com tais questionamentos.

Referências

DAVIES, Brian. **Bernstein, Durkheim e a sociologia da educação na Inglaterra**. Cadernos de Pesquisa, n.120. Nova Jersey, 1996.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70 Ltda., 2013. Tradução: Nuno Garcia Lopes.

DURKHEIM, Émile. **Ética e Sociologia da Moral**. São Paulo, Landy. "La Science positive de La morale en Allemagne." Revue philosophique, 2003.

GALTER, Maria Inalva; MANCHOPE, Elenita Conegero Pastor. A Educação em Émile Durkheim. **Revista HISTEDBR On-line**, 2003.

LOPES, Paula Cristina. **Educação, sociologia da educação e teorias sociológicas clássicas: Marx, Durkheim e Weber**. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2007.

LUCENA, Carlos. O Pensamento Educacional de Émile Durkheim. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n.40, p. 295-305, dez.2010 - ISSN: 1676-2584. 2010.

PLAISANCE, Eric. Para uma sociologia da pequena infância. **Educação e Sociedade**, vol. 25 n.86. Campinas, 2004.

SETTON, Maria da Graça Jacinto. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social**, v.17 n.2. São Paulo, 2005.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, sujeito e história**. 3.ed. São Paulo: Olho d'Água, 2012.

WEISS, Raquel. A Teoria Moral de Émile Durkheim. **XIII Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia UFPE**, Recife. GT28: Teoria Sociológica, 2007.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Sobre os autores

Igor Gonzaga Lopes

Mestrando em Educação pela Universidade Federal de Goiás. E-mail:
igorgonzaga1@hotmail.com

Jéssica Abadia Ferreira

Mestranda em História pela Universidade Federal de Goiás.

Elisângela Gregório de Sousa

Mestranda em Biologia pelo Instituto Federal - Campus de Urutaí

Recebido em: 25/04/2017

Aceito para publicação em: 12/05/2017